

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**ANGOLA: CONTORNOS DE UMA FACE - IDENTIDADE
E ENGAJAMENTO SOB AS LETRAS DE JOÃO MELO**

Rejane Seitenfuss Gehlen¹ (UFRGS)

As literaturas africanas de língua portuguesa contemporâneas caracterizam-se pelo compromisso com a coletividade. As relações entre o literário e o social, nesse caso, são singularmente estreitas e reveladoras da função que a sociedade atribui à literatura e ao papel representado pelas obras literárias. A literatura, comprometida com a afirmação identitária de uma nação e dos indivíduos que a constituem, assume traços de um processo de descolonização levado a efeito sob diferentes formas. A utilização de estratégias discursivas, a contrapelo do cânone europeu, assinala um percurso que abrange a releitura crítica de um passado colonial, relido e contemporizado através do enfoque a conflitos étnicos – herança da ideologia colonial – e relações de embate entre negros e brancos, população e elite pós-colonial.

A literatura engajada, na definição de Jean-Paul Sartre, caracteriza-se pela escolha ética, responsabilidade, urgência e referência ao tempo presente, aos interesses sociais e políticos da época, revelando um escritor preocupado com o sentido político do seu fazer. A produção de escritores que compartilham desse pensamento representa a alteridade constituída por vozes e histórias silenciadas de sujeitos que não logram alcançar a cidadania e falam da margem, revelando um universo pessoal e familiar que se constitui em metonímia do país. Os textos situados nesse panorama são construídos numa perspectiva convexa que não perde de vista o horizonte angolano, ao contrário, toma-o como referência no diálogo com outras literaturas e culturas.

**1. O ENGAJAMENTO NA LITERATURA ANGOLANA
CONTEMPORÂNEA**

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A respeito dessa relação, Sartre destaca que “a obra de arte, vista de qualquer ângulo, é um ato de confiança na liberdade dos homens” (SARTRE, 1993, p. 53). Se o tema da literatura sempre foi o homem no mundo e se a liberdade almejada somente se literário mantém-se abstrato, pois mesmo que o escritor seja livre para escrever tudo, o leitor não tem liberdade para concretizar a transformação.

O compromisso com o tempo histórico fica evidente nas palavras de Sartre que, como seus pares, não se coloca abaixo, nem se eleva em relação a seu tempo e, assim, alcança não apenas um número significativo de leitores, como conquista um público que se espalha por todo o mundo. Nesse sentido, como fator decorrente da consciência de seu pertencimento à sociedade e ao mundo, o escritor coloca sua arte a serviço de uma causa relacionada à vida social, política, intelectual ou religiosa de seu tempo.

O engajamento é, portanto, o ponto onde se encontram e se ligam o individual e o coletivo, onde a pessoa traduz em atos e para os outros a escolha que fez para ela mesma. Na verdade engajar-se tem a relevância de uma decisão de ordem moral, para a qual o indivíduo entende colocar de acordo a sua ação prática e as suas convicções íntimas, com todos os riscos que isso comporta (BENOÎT, 2003, p. 33).

A literatura não é política em sua essência, ela é política porque as questões éticas colocadas concreta e coletivamente não podem ser entendidas fora do âmbito político. Nesse aspecto, a literatura engajada se distingue da militante, política em sua natureza. Ao compor o retrato do colonizador e do colonizado, Albert Memmi apresenta uma intrincada rede de relações, que vão muito além da dominação do primeiro sobre o segundo. A colonização enquanto processo de dominação de um povo sobre outro reclama a existência do colonizado.

Memmi caracteriza os protagonistas do fato colonial como antíteses: à prepotência do colonizador, corresponde a subserviência do colonizado; ao lucro de um, a consecutiva pobreza do outro. Nesse processo em que o colonizador gere a vida política, social e econômica da colônia, ocorre a gradativa aceitação do colonizado. O

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

sistema se mantém mais pela imagem de incapaz, preguiçoso e pouco inteligente, que o colonizado acaba por fazer de si próprio, do que por mérito do colonizador. Nesse contexto inserem-se as reflexões sobre a relação entre o local e o global, as quais enfocam as práticas culturais sob a perspectiva das relações de poder:

A perspectiva analítica pós-colonial nasce também de um sentido político da crítica literária. Os estudos teóricos do pós-colonialismo tentam enquadrar as condições de produção e os contextos socioculturais em que se desenvolvem as novas literaturas. Evitam tratá-las como extensões da literatura europeia e avaliar a originalidade destas obras, de acordo com uma norma ocidental, despreocupada ou desconhecendo o seu enraizamento. (LEITE, 2002, p. 13)

Nas raízes da situação pós-colonial, encontra-se uma dinâmica única: a das exigências econômicas e afetivas do colonizador, que ocupa para ele um lugar lógico, comanda e explica cada um dos traços que empresta ao colonizado.

A questão da identidade, enquanto imagem do eu inserido na história, é ponto de referência da literatura e das lutas empreendidas pelos países colonizados, dentre eles, os de língua portuguesa. Terra e língua são explicações objetivas à reivindicação das identidades nacionais, num momento em que o separatismo surge como único meio realista de combater os efeitos de dominação, implícitos na unificação do mercado de bens culturais e simbólicos. Nesse contexto em que o sujeito se constitui enquanto se constroem as identidades das nações, cabe referência ao que Memmi chama de “a marca do plural”: o colonizado é despersonalizado, caracterizado no coletivo anônimo, sempre com relevo aos aspectos negativos. Essa característica perdura nas ex-colônias de Portugal ainda no século XXI, tornando-se usuais, por exemplo, referências à literatura africana que ignoram a história e cultura própria de cada um dos cinco países africanos de língua portuguesa, os quais comungam de um passado de opressão e da língua portuguesa como oficial, mas constroem suas identidades individuais sem desconsiderar os aspectos de africanidade que os unem.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Nesse conjunto de literaturas verifica-se a busca pela autonomia e a afirmação da identidade no contexto pós-colonial que “não designa um conceito histórico ou diacrônico, mas antes um conceito analítico que reenvia às literaturas que nasceram num contexto marcado pela colonização europeia” (LEITE, 2003, p. 11). Assim, o termo pós-colonialismo, em literatura, é consideravelmente abrangente: inclui as produções críticas, criativas e teóricas opostas à visão colonial, podendo ultrapassar os limites geográficos das ex-colônias e incluir textos literários da ex-metrópole, de posição crítica sobre o colonialismo.

**2.IDENTIDADE ANGOLANA REVELADA PELAS AS LETRAS DE
JOÃO MELO**

A literatura é uma forma de expressão do modo singular de ser e de estar no mundo do povo angolano, trazendo à luz, via texto, aspectos próprios e específicos da dinâmica cultural do país. Essa revelação configura um lugar de tensão e resistência que avança na contramão do modelo europeu. O universo a ser desvelado mostra um país cujo desenvolvimento, sempre postergado, não permite avançar no ritmo da engrenagem econômica globalizada. A via de acesso às decisões é periférica. A consciência expressa pelos escritores angolanos contemporâneos revela muitas e distintas marcas identitárias que buscam convergir para uma face em esboço permanente, contudo, constituinte de uma realidade multifacetada cultural e etnicamente.

Filhos da pátria (2008) proporciona uma viagem ao cotidiano angolano, especialmente à periferia de Luanda, onde as personagens vivem em busca da cidadania, aspiração ainda não plenamente concretizada numa realidade marcada por dificuldades de toda ordem. Essa coletânea reenvia a vários níveis de leitura, exigindo a constante desleitura do universo narrado. O sujeito individual é retratado como indivisível e indispensável para a constituição da identidade nacional, há muito buscada.

O conto “O elevador” possibilita a identificação de resquícios coloniais na sociedade angolana pós-colonial. A história narrada, baseada em fatos rememorados

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

pela personagem Pedro Sanga, tem a duração cronológica limitada ao tempo em que o elevador faz o percurso para chegar ao destino da personagem: o oitavo andar. A estrutura textual organizada em nove fragmentos simula a trajetória pelos andares e leva ao desfecho que se desenrola no terraço.

O narrador em terceira pessoa assume declarada posição político-ideológica, aspecto evidenciado logo ao início da narrativa quando apresenta o leitmotiv que conduz a existência de Pedro Sanga: “Até onde é capaz de ir a capacidade de humilhação do ser humano? É tão grande como a sua capacidade de adaptação? E, adaptação – o que é exactamente? Sim, o que é ser ou estar adaptado” (p. 9)¹. O questionamento acerca da adaptação leva a refletir sobre o momento histórico no texto, revelador de uma situação ainda não explicitada, a que o narrador apresenta resistência expressa pelo forte tom de ironia:

status quo (expressão que infelizmente tem caído em desuso, talvez porque, nos tempos que correm o *status quo*, é só um, ou seja, perdeu o *quo*, transformando-se em estado unânime e universal, também chamado global, de tal maneira que hoje praticamente mais ninguém luta contra o *status quo*, a não ser que tenha suficiente força anímica para suportar os rótulos pouco abonatórios com que passará imediatamente a ser designado), é não fazer ondas? É ser dócil, mesmo quando se é espezinhado? (MELO, 2008, p. 9)

Na sequência narrativa, o leitor é informado de que, no elevador, há “um exemplar autóctone da estética neobarroca que, segundo alguns, caracteriza a pós-modernidade” (p. 11). Trata-se de uma mulher cujo destino é o mesmo de Pedro Sanga: encontrar-se com o dono do escritório que fica na cobertura do prédio. Ao associar a figura bizarra à Angola do futuro, o narrador cria um efeito cômico:

Uma cabeleira loira visivelmente artificial, a blusa vermelha semitransparente deixando apreciar quase totalmente os seios (se é que aqueles seios tipo ovo estrelado são dignos de qualquer apreciação!...) *colants* de leopardo justinhos às coxas e uns sapatos

¹ Todas as citações da obra literária referem-se à edição informada nas referências deste texto, por isso é indicada apenas a página.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

altíssimos, azuis e doirados, que mal a mantêm equilibrada...(Melo, 2008, p. 10)

A personagem Pedro Sanga vive uma perturbação psicológica, observada no conflito de consciência revelado pelo jogo de sinônimos para a condição de adaptado. Pedro Sanga afirma que adaptação é luta, capacidade de enfrentar o mundo, denúncia contra as imperfeições do mesmo. A recordação da guerra pela libertação nacional traz ao contexto narrado a personagem Soares Manoel João, um radical defensor da independência de Angola, que busca inspiração em Agostinho Neto. Ao longo dos andares que se sucedem, a memória de Pedro Sanga evoca os diferentes momentos da vida de Soares Manoel João, cuja identificação começa pelo sobrenome português.

Inicialmente, Soares é caracterizado como Funje com Pão, um idealista que projeta um país onde “seria criado ‘*um homem novo*’, que tem a missão de identificar o socialismo científico, o regime mais avançado da humanidade, onde todos os homens são iguais, nem burgueses, nem proletários, nem brancos, nem mulatos ‘*e muitos menos bailundos*’”(p. 15). Após a vitória dos revolucionários, a personagem torna-se o Camarada Excelência que, “misturando, de forma desconexa, mas convicta, uma retórica marxista absolutamente vulgar, mal colada a cuspe, com violentos sentimentos raciais e tribais”(p. 15), revela toda contradição das primeiras ações governamentais do novo país.

Valendo-se das condições incipientes da nação recém criada e de sua capacidade de “organização”, o ex-lutador pela independência torna-se um dos primeiros capitalistas autóctones angolanos. Note-se através da personagem Soares/Funje com Pão/Camarada Excelência a exemplificação da situação já referida por Fanon (1979) ao analisar a relação colonizador/colonizado. Em *Condenados da terra*, o autor analisa a violência física, cultural e psíquica empreendida pelo colonizador para desumanizar o sujeito colonial. O restabelecimento da dignidade do colonizado ocorre pela violência, mais especificamente, a elite nacional que, ao tomar o poder, se apropria das riquezas e se torna cúmplice dos valores coloniais, consolida princípios eurocêntricos, mesmo que isso signifique espoliar a própria nação.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A personagem Pedro Sanga afirma de si para si: “Um homem é um homem, um bicho é um bicho!” (p. 10). A expressão evoca uma personagem de Graciliano Ramos, em sua obra literária *Vidas secas*: Fabiano, um nordestino tão adaptado às condições em que vive, a ponto de perder a dignidade humana, afirma: “Você é um bicho.” Pedro Sanga, ao contrário, reage e luta: quer ser homem, plenamente humano. Sua batalha é contra a corrupção do governo de Angola. Da mesma forma, o poeta Manuel Bandeira alude à animalização do ser humano na poesia “O bicho”: “Vi, ontem/ na imundície do pátio/um bicho que catava comida entre os detritos[...] O bicho não era um cão/não era um gato/não era rato/o bicho, meu Deus, era um homem”. Os escritores, em diferentes países evocam a perda da dignidade, decorrente da humilhação sofrida.

Dois dias antes dos episódios narrados, o protagonista recebe uma proposta para facilitar negociações da empresa de Soares com o Ministério em que Sanga detém o cargo de Secretário. Pressionado pela mulher que o chama de burro, que não sabe adaptar-se e nem se organizar (entenda-se é honesto), Pedro hesita em seguir sua viagem pelo prédio. Note-se que a personagem está no elevador, “um dos artefactos que, para recorrer a uma expressão popular, ‘o colono levou’ após a independência do país” (p. 13). O elevador, metáfora da presença do colonizador, conduz Pedro a seu destino: aceitar a proposta e adaptar-se aos olhos dos outros enquanto que para si próprio significa humilhar-se. A pedra não resiste e sucumbe ao impacto do *status quo* pós-colonial.

Humilhado e, finalmente adaptado, Pedro ainda participa da comemoração com o antigo amigo, agora um “gajo” que se dirige à mulher do elevador num arremedo de francês, coincidentemente, sua amante: “*Josefine, mon amour, viens ici!*” (p. 25). O pesadelo de Pedro Sanga, conduzido do chão de Angola ao alto de um moderno prédio, mexe com suas entranhas: “Apenas teve tempo de correr e agarra-se a um dos parapeitos do terraço, começando a vomitar, sem parar, cada vez mais agoniado. Enquanto o seu vômito se espalhava, ajudado pela brisa, pelas ruas adjacentes” (p. 26).

A cena narrada deixa transparecer a posição do narrador evidenciada em vários momentos da história. A postura crítica mostra que é patriota quem concorda com a

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

estrutura ou aceita as regras herdadas do colonizador, cuja ruptura torna-se um desafio, como se observa quando Pedro sente-se incapaz de deixar o “aparelho” e prossegue sua angustiante trajetória. A palavra aparelho refere-se ao elevador, mas pode também ser entendida no contexto da estrutura política na qual, segundo o narrador “todos os dias nos deparamos com uma quantidade considerável de radicais que, na prática, renega as suas próprias teses ou então – o que constitui o outro lado da moeda – passa a defender com o mesmo radicalismo teses diametralmente opostas” (p. 17).

Os questionamentos do narrador, destacados pela marca dos parênteses, colocam-se como diálogo com o leitor. Nessas falas, expõe-se uma defesa de Pedro Sanga, pela qual nutre simpatia e através da mesma expressa sua posição ideológica. A viagem transforma-o no outro, antes repellido, agora assimilado. Não havendo o outro, fragmenta-se o eu e, conseqüentemente, fragmenta-se a identidade do indivíduo e da pátria imaginada real após a independência. Pedro Sanga torna-se a “pedra no meio do caminho” do franco avanço da corrupção.

A relação semântica do nome da personagem remete também a um elemento muito expressivo da cultura angolana, a Grande Mãe da Criação, deusa mítica em África, que se revela em três símbolos amplos de sua procedência: a árvore, a terra e a pedra. João Melo elege a última como elemento que fica subjacente ao texto, Pedro (pedra) Sanga (cântaro de barro em kimbundu) é da terra, do chão da Pátria, não é das alturas, por outros edificadas. Não é um indivíduo que vê sua história ser escrita pelos valores que repele. O conto inicial, a exemplo de outros da coletânea, põe em questão um aspecto mais amplo: “Mas o que será amanhã deste país, se os autoproclamados herdeiros de fortunas anteriormente inexistentes e todos os acumuladores primitivos de capital, os neofundamentalistas, os pseudo-intelectuais e os medíocres de toda a sorte continuarem a ocupar todos os espaços assim?” (p. 12). O leitor é deixado pelo narrador no alto do prédio, de onde passa a visualizar as demais narrativas do livro.

A natureza textual remete a um mundo enunciado que, relido, concretiza o recurso paródico, no que tem de *status* ideológico. Em vários contos da coletânea, observa-se a presença de narradores que não cansam de estabelecer diálogo com um

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

leitor projetado no texto, ou mesmo, de fazer um autoquestionamento que remete não apenas à situação da criação do texto, como se projeta em nível de autorreferencialidade. Sob essa ótica, fixa-se o laço paródico: não se trata de um narrador titubeante, é a própria função da arte e, por extensão, da literatura, que está sendo questionada no contexto enunciado. Numa sociedade como a angolana do período pós-colonial, a criação literária impregna-se de ideologia. No caso particular do escritor em análise, o comprometimento com os ideais de justiça e igualdade tornam-se mais evidentes à medida que se sucedem as páginas dos dois livros analisados.

Em sentido mais abrangente, o macrocosmo refratado mostra uma nação desafiada a permitir que seus habitantes sejam cidadãos de uma pátria livre e, nessa condição, permite que seus filhos aspirem à liberdade individual. A organização discursiva e as estratégias textuais observadas nos textos em análise constituem elementos de um texto literário engajado, que supera a questão da crítica social e se insere no campo de uma literatura que, sem abdicar dos recursos estilísticos, remete à questão da liberdade em sua dimensão mais ampla.

A análise empreendida identifica um discurso marcado pelo questionamento e pela denúncia de valores opressivos, impostos por uma história de colonização e dominação, cujo processo de reversão se inicia a partir da descolonização e se estende à atualidade. Mais do que identificar espaços vazios e silêncios, a proposta literária pós-colonial busca o rompimento com suas causas; num enfrentamento da política do silêncio, atribui a esse uma forma de produção de sentidos. A construção da identidade não se totaliza, é por natureza dinâmica e abrange novos questionamentos, em ciclos que se refazem através de textos literários em diálogo intenso com a história e a cultura popular. A literatura, comprometida em desenhar a face identitária do povo de Angola, alia um tempo recuado e um tempo prospectivo, onde os ideais que motivam a luta pela libertação assentam-se para dar suporte à identidade que, uma vez construída, busca reconhecimento.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Referências

BENOÎT, Denis. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Tradução: Luiz Dagobert de Aguirra Roncani. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. José Laurêncio de Melo. Prefácio de Jean-Paul Sartre. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003.

MELO, João. *Filhos da pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SARTRE, Jean- Paul. *O que é a literatura*. Trad. Carlos F. Moisés. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

ⁱ (Doutoranda em Letras – Literaturas Portuguesa e Luso-africanas, UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
E-mail: rejanegehlen@yahoo.com.br